

ARTIGOS

TEOLOGIA TRINITÁRIA LIBERTADORA

Paulo Sérgio Lopes Gonçalves

INTRODUÇÃO

A pretensão deste texto é a de desenvolver uma teologia trinitária libertadora, denotante da articulação entre a fé positiva, presente na Igreja de Cristo peregrina no mundo e a vida dos pobres compreendida em sua totalidade. Este objetivo justifica-se por dois motivos simultaneamente distintos e co-ligados. O primeiro refere-se à inteligência da fé da Igreja presente na Escritura e na Tradição zelada pelo Magistério ao professar a fé em um Deus Uno e Trino, unicamente constituído de três Pessoas divinas: Pai, Filho e Espírito Santo. O segundo está relacionado à interpelação do lugar social da produção teológico-trinitária: o mundo dos pobres. Este é marcado pela idolatria denotante do sacrificalismo mimético que mata os pobres prematuramente. Confrontar este mundo com o Deus bom, Uno e Trino, comunhão ternária das Pessoas divinas, significa suscitar a seguinte interrogação: Como professar a fé neste Deus Tri-Uno, bondoso, misericordioso, amoroso diante da morte dos pobres provocada por estruturas sociais injustiças e violentas? Levantam-se ainda outras interrogações: Como expressar a comunhão trinitária na história diante de situações verdadeiramente pecaminosas? Como é possível a história exprimir a comunhão e a reciprocidade intrínsecas na relação das divinas Pessoas?

Responder a estas questões implica levar a cabo a elaboração de uma teologia trinitária constituída como um complexo teórico de

categorias incidentes na história, capaz de provocar a emergência de expressões históricas concernentes ao que a Trindade expressa na racionalidade teológica: a comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Cada uma das Pessoas possui sua identidade diferenciada, mas não vivem a solidão. Diferentes e solidárias, distintas e não separadas.

Verificar-se-á que o método desta teologia parte da realidade histórica confrontada com a racionalidade tradicional do mistério trinitário, transcreve os pressupostos para a elaboração de seu complexo teórico, explicita a revelação trinitária, a sua racionalidade e os paradigmas denotantes da realidade compreensível da Trindade Santa. Concluir-se-á que a teoria teológica da Trindade explicita a Trindade Imanente a partir da Trindade Econômica, mas o mistério não é esgotado. Diante deste Deus Tri-Uno *revelatus et absconditus*, a *ratio fidei* cede lugar à doxologia para ajoelhar-se, contemplar e adorar o mistério eterno de amor e de comunhão entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

1. A METODOLOGIA DA TEOLOGIA TRINITÁRIA LIBERTADORA

A teologia trinitária na perspectiva da libertação é elaborada sob o prisma histórico, especialmente da vida dos pobres e da vida *ad intra* Deus. Ambas as realidades - *ad intra* e *ad extra* - são correlatas e, de acordo com a razão humana, não podem viver separadamente. Elas explicitam a totalidade da realidade trinitária. As realidades imanente e econômica da Trindade estão articuladas com a realidade de desespero e morte prematura vivenciada pelos pobres. Nesta articulação, a realidade divina incide como utopia a ser realizada na história. A comunhão vivida internamente na Trindade é o *devir* histórico a ser realizado pela humanidade criada à sua "Imagem e Semelhança". A humanidade deve também viver a comunhão na história, abarcando a luta contra a pobreza econômica e a concretização de uma vida nova no amor trinitário. Protesta-se contra a situação de morte prematura e formulam-se bens simbólicos que conduzam à utopia de um mundo construído à "Imagem e Semelhança" da Trindade. Através desta perspectiva, concebe-se a Trindade como comunidade de co-iguais e distintos ao mesmo tempo¹.

(1) BOFF, L., *A Trindade e a sociedade*, Petrópolis, Vozes, 1987, pp. 14-17; Idem, *Trinidad*, MSL I, p. 516.

Os termos processão, natureza, pessoa, relações, missões concretizam a teologia trinitária em perspectiva libertadora. Estes termos estão fundamentados na categoria *pericórese*, a qual fornece condições à elaboração de uma concepção ternária de Trindade. Um outro ponto importante dessa teologia trinitária é a reflexão sobre cada uma das Pessoas divinas - Pai, Filho e Espírito -, sem que se perca a concepção Tri-unitária de Deus. Cada uma das Pessoas possui sua identidade própria e todas estão unidas entre si quando agem individualmente. A sacramentalidade da Trindade é a história. As referências simbólicas da história se aproximam da realidade trinitária por analogia. Trata-se das simbólicas da pessoa humana, da sociedade, da Igreja e do cosmos. Entretanto, essas elaborações teóricas são insuficientes para expressar a totalidade da Trindade. Esta é um mistério insondável de amor e ternura que deve ser honrado com o silêncio e a contemplação de uma humanidade chamada a ser "Imagem e Semelhança" da melhor comunidade².

2. OS CONDICIONAMENTOS HISTÓRICOS PARA A VIVÊNCIA DA FÉ TRINITÁRIA

A teologia trinitária na perspectiva dos pobres e de sua libertação faz um caminho originário sem perder de vista o nível ontológico da realidade divina, a Trindade imanente. O nível ontológico é conhecido pela razão humana através da grande novidade da fé cristã: Jesus de Nazaré e as manifestações do Espírito. A Trindade em sua realidade ontológica, de respeito às diferenças e de plena comunhão, é tomada como modelo para todo convívio social igualitário. A Trindade em si é critério para julgar a história e formular a utopia da comunhão humana e cósmica. Por sua vez, a própria realidade histórica, marcada pela estrutura conflitiva e eticamente injusta é critério para reelaborar a teologia trinitária. A situação de opressão e injustiça dificulta a real e verdadeira experiência de um Deus Tri-Uno.

⁽²⁾ BOFF, L., *A Trindade e a sociedade*, pp. 18-20; FORTE, B., *A Trindade como história*, São Paulo, Paulinas, 1987, pp. 11-21.

Experimenta-se de maneira desintegrada e não comunitária a Trindade³.

A experiência desintegrada da Trindade deve ser concebida nos níveis político e religioso. Ao nível político, a humanidade e, particularmente, os pobres, experimentaram sistemas autoritários de enorme concentração de poder e abuso da força militar. Trata-se do patriarcalismo político que organiza uma sociedade baseada no poder de uma só pessoa ou um só grupo, isentando totalmente a experiência comunitária do poder. A desintegração a nível religioso leva à concepção de três religiões diferentes oriundas do monoteísmo exclusivista: a do Pai, a do Filho e a do Espírito. Na religião do Pai predomina uma relação vertical, que submete as pessoas às ordens vindas de cima, do Pai. Na religião do Filho, Jesus é concebido como um herói que deu a vida por todos. Deste tipo de heroísmo emerge o heroísmo humano, cujo sacrifício é vitimário e totalmente cruel. Formula-se uma piedade juvenil, entusiástica que vê Jesus de Nazaré de forma docificante, sem a real aproximação histórica de sua figura humana. Existe ainda a religião do Espírito, representada em alguns movimentos religiosos, cuja tendência é fazer uma experiência espiritual desarticulada da história e demasiado enraizada na dimensão interior e subjetiva da existência humana. As três experiências denominam-se "verticalidade", "horizontalidade" e "profundidade" respectivamente. Todas elas não expressam a radicalidade da experiência do Deus cristão como Trindade, comunhão ternária das Pessoas divinas. Aparece uma imagem opressora de Deus, de centralização no Pai, de fixação no Filho e de interiorização do Espírito. O reflexo desse tipo de religião está na sociedade que se desintegra, experimentando a opressão da norma, a dominação dos líderes e a anarquia e insensatez dos espíritos criativos⁴.

A fé monoteísta excludente é a-trinitária e possui três referências histórico-simbólicas, que dificultam a reflexão teológica autenticamente trinitária. A primeira referência é o Judaísmo que sempre

(3) BOFF, L., *A Trindade e a sociedade*, pp. 21-26. Seguindo a lógica de PASTOR, F., *Dio della Rivelazione*, DTF, pp. 323-329 e VIVES, J., *Trinidad*, CFC, pp. 1417-1425, a Trindade possui um caráter paradoxal. Deus é fundamentalmente Uno e Trino, é o mistério inefável que se revela na história como um Deus santo e justo. Para manter sólida a intuição libertadora, torna-se necessário considerar o caráter unitário da Trindade para que não se afirme um altruísmo exacerbado que aniquila a identidade individual das pessoas humanas.

(4) BOFF, L., *A Trindade e a sociedade*, pp. 26-29; Idem, *Trinidad*, pp. 514-515.

professou a fé num único Deus e não formulou uma teologia propriamente trinitária. O cristianismo apropriou-se da fonte judaica e formulou a sua teologia trinitária. O Deus que se revelou aos Patriarcas, a Moisés e aos profetas é o mesmo Deus que se revelou em Jesus Cristo e fez nascer a Igreja com a força do seu Espírito. O grande desafio do cristianismo é elaborar a reflexão do Deus Tri-Uno, superando o Deus Uno judaico. O Deus revelado em Jesus Cristo sempre foi a Santíssima Trindade. A segunda referência é o complexo teórico grego que afirmava a existência de um Ser supremo que seria a causa última de todas as coisas, Substância infinita e Deus imutável diante de todas as coisas mutáveis. O ponto de partida deste pensamento é a harmonia e a ordem da criação, pelas quais, tudo está organizado em ato ou em potência. Essa visão reforçou a fé monoteísta do Antigo Testamento, mas a sua raiz filosófica dificulta uma autêntica teologia trinitária. Ela é insuficiente para explicar a totalidade da existência humana, especialmente o sofrimento. Em termos interrogativos: Como pensar Deus como causa última e Ser supremo na experiência profunda do sofrimento humano, particularmente a opressão e a injustiça vivenciadas pelos pobres? A terceira referência é o pensamento moderno, cujo núcleo fundamental é antropocêntrico. O homem passa a ser o ponto central de todo desenvolvimento histórico e sua subjetividade é definitivamente objetivada em forma de busca de liberdade pessoal e de construção de sistemas sociais que explicitem essa mesma liberdade. Ao assumir a subjetividade humana como ponto de partida de sua reflexão, o pensamento moderno elaborou o conceito de Deus como Personalidade suprema, o que fez a Trindade tornar-se um mistério lógico e não mais um mistério salvífico⁵.

Este monoteísmo a-trinitário traz alguns riscos políticos assaz perigosos. O primeiro deles é o risco de justificação da situação de autoritarismo e opressão. As concepções autoritárias podem ocasionar a compreensão de um monoteísmo rígido, fechado à experiência de comunhão e respeito entre as Pessoas divinas. A visão teológica do monoteísmo a-trinitário pode servir de justificação ideológica de um poder concentrado em uma única pessoa ou em um único grupo. O segundo perigo é a postura de uma Igreja piramidal, cujo poder está centralizado em uma pessoa ou um único grupo que despotencia uma experiência autenticamente comunitária. O terceiro situa-se a nível

⁽⁵⁾ BOFF, L., *A Trindade e a sociedade*, pp. 29-33; FORTE, B., *A Trindade como história*, São Paulo, Paulinas, 1985, pp. 58-67.

cultural, no qual o monoteísmo a-trinitário se desdobra em forma de patriarcalismo e paternalismo, nada saudáveis à utopia da experiência comunitária de amor e ternura. A Deus foi atribuída a figura do Pai Supremo e Senhor, cuja imagem refletiu historicamente com graves conseqüências. O patriarcalismo concentra a forma de poder no homem varão. Em nome de um substrato sagrado, o homem-varão eliminou a participação da mulher ao seu lado no exercício do poder nos níveis político e religioso. Esses perigos são oriundos de uma forte concepção monárquica de Deus, contraposta à veracidade do Deus Trindade, pois este é constituído por Três Pessoas que constantemente estão em comunhão ternária. Na realidade *ad intra* a Trindade é amor infinito. Por meio da encarnação do Filho, de sua morte na cruz e de sua ressurreição, a Trindade mostrou a sua solidariedade para com a humanidade, trazendo à tona a esperança concreta de um Reino que é de Deus. Necessita-se recuperar a verdadeira imagem de Deus e a partir dela recriar o modelo de sociedade e de Igreja, que seja mais comunitário e fraterno⁶.

3. A REVELAÇÃO TRINITÁRIA

O axioma de K. Rahner "a Trindade econômica é a Trindade imanente e vice-versa"⁷ foi assimilado no interior da teologia trinitária libertadora, por meio da compreensão da intervenção histórica de Deus realizada a partir dos pobres. O processo de revelação é histórico, é concernente à criação, é presença de um Deus que convoca o ser humano para a realização de seu potencial libertador. A Trindade imanente só pode ser compreendida a partir da Trindade econômica manifestada na história concebida como campo de percepção da revelação de Deus. A economia trinitária possui uma lógica própria, pela qual Deus se mostra como comunhão ternária em sua imanência. O homem Jesus, o Verbo encarnado, é o princípio de percepção da revelação da Trindade. Sem a humanidade de Deus não é possível conceber a Trindade *ad intra*. Como Jesus Cristo se mostrou Filho do Pai? Como se dá o acesso humano ao Espírito Santo? Que caminhos Deus usou e continua usando para se

⁽⁶⁾ BOFF, L., *A Trindade e a sociedade*, pp. 33-39; MOLTSMANN, J., *Trinität und Reich Gottes. Zur Gotteslehre*, Guetersloh, Chr. Kaiser - Guetersloher Verlagshaus, 1980, pp. 18-25.

⁽⁷⁾ RAHNER, K., *Der Dreifaltige Gott als transzendenter Urgrund der Heilsgeschichte, MySal II*, 317-401.

revelar como Trindade que se auto-comunica e mostra o seu profundo amor pela sua criação?⁸

Existem dois caminhos de revelação: a História e a Palavra. Antes da revelação neotestamentária, a Trindade havia se revelado nas pessoas, nas religiões e no Antigo Testamento. Entretanto, a sua revelação definitivamente aconteceu na vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo e na ação do Espírito Santo na Igreja. A totalidade da prática de Jesus – seu modo de ser e de conviver no interior dos seres humanos – revelou a Trindade Santa. A ação de Jesus revela o Pai. Como Jesus tinha uma prática libertadora, o Pai se revelou como libertador e como criador. Entre ambos, existe participação e comunhão recíprocas *ad intra* e *ad extra* trinitária. O Espírito Santo revela a Trindade por meio da prática de Jesus à razão humana. O Espírito revela a Trindade também através de sua presença em Maria para a concepção do Verbo, de sua descida sobre Jesus no batismo, na demonstração de sua força na ressurreição do crucificado dentre os mortos, na iluminação sobre os apóstolos para a formação da Igreja e o anúncio do Reino. Simultaneamente à revelação do Pai em Jesus, o Espírito Santo é revelado como força e autoridade para a promoção da vida. Ao se manifestar na história, o Espírito Santo revela o Filho e o Pai, pois é Ele força ativadora de Deus na história. O Espírito que está dentro do Filho em suas ações é o Espírito Santo. Este mesmo Espírito conduz a humanidade a Deus reconhecido como *Abbá*, um Pai de infinita bondade. Pelo Espírito, Deus se revela plenamente na história como comunhão de Pessoas, mostrando-se como um Deus constituído por três Pessoas divinas diferentes, mas unidas no respeito e no amor⁹.

4. A RACIONALIDADE DO MISTÉRIO TRINITÁRIO

O ser humano é reflexivo, indagador e capaz de produzir bens simbólicos sistemáticos que explicitem de forma comunicativa suas experiências. Ao longo da história da teologia não faltaram reflexões sobre o mistério da Santíssima Trindade. O Novo Testamento possui

⁽⁸⁾ BOFF, L., *Trinidad*, 517; SEGUNDO, J.L., *O dogma que liberta*, São Paulo, Paulinas, 1992, pp. 425-426; GUTIÉRREZ, G., *O Deus da vida*, São Paulo, Loyola, 1993, pp. 23-24.

⁽⁹⁾ BOFF, L., *Trinidad*, pp. 519-520; Idem, *A Trindade e a sociedade*, pp. 40-60; FORTE, B., *A Trindade como história*, pp. 25-40.

lampejos de uma busca de elaboração racional sobre o mistério da Trindade, mas ao longo da história da Igreja formularam-se diversas concepções trinitárias, algumas delas heréticas, outras para combater as heresias e afirmar a verdadeira fé da Igreja. Surgiram três grandes modelos de reflexão importantes para a elaboração de uma sólida teologia trinitária. O primeiro modelo é o modalismo, o qual afirmava a única possibilidade de existir um único Deus que habitasse em uma luz inacessível. A manifestação desse Deus seria efetuada por intermédio de três modos distintos de aparecer. Cada um deles seria uma máscara colocada pelo mesmo Deus. Embora esta visão sustente a unicidade de Deus, falta-lhe a concepção de diversidade de Pessoas divinas em Deus. Torna-se impossível a elaboração de uma doutrina do Deus Tri-Uno. O segundo modelo é classificado como subordinacionismo, cuja doutrina enuncia somente ao Pai como plenamente Deus. O Filho e o Espírito são subordinados a Ele. O Espírito e o Filho são criaturas excelsas próximas e inferiores ao Pai. E assim o são para não romper com a autenticidade de Deus. Esta consiste em afirmar que Deus é o Pai único, inatingível e acessível de modo aproximativo somente pelas suas criaturas excelsas. Jesus foi um ser perfeito. Por isso, foi adotado pelo Pai como seu Filho, mas se subordina ao Pai no interior do mistério abissal e não atinge a mesma natureza do Pai eterno. O terceiro modelo é o triteísmo que afirma a existência de três Pessoas divinas, independentes uma da outra e desconectas entre si. Professar a fé na Trindade seria professar a fé em três deuses vistos como absolutos. Este modelo e os outros dois são insuficientes para pensar uma autêntica teologia trinitária, propícia a explicitar uma reflexão sobre o Deus Tri-Uno, todo amor e comunhão ternária, que intervém na história em favor dos oprimidos, trazendo assim, o seu Reino de amor e justiça¹⁰.

Na perspectiva da teologia trinitária libertadora, a superação destes três modelos, supõe a reelaboração das tradicionais categorias *natureza, pessoa, processão, relação*, pericórese. A categoria *natureza* leva ao discernimento dos elementos que se identificam e se distinguem em Deus. As palavras grega *prosopon* e latina *persona* indicam que, em Deus existe uma realidade individual. Ao nível histórico a palavra *persona* é posterior à palavra *prosopon*. Assim sendo, é possível afirmar uma forte dimensão de subjetividade, de personalidade concreta em Deus. Ele é

⁽¹⁰⁾ BOFF, L., *A Trindade e a sociedade*, pp. 61-70; Idem, *Trinidad*, pp. 520-521; FORTE, B., *A Trindade como história*, pp. 60-63; SCHEFCZYK, L., *Formulación magisterial e historia del dogma trinitario, MySal II*, pp. 146-152.

constituído por três individualidades distintas uma da outra. Dessa concepção, emerge a formulação da questão sobre a unicidade de Deus. Para resolvê-la, é necessário recorrer à categoria grega *hipostase* - na tradução latina *substantia*. Ambas são traduzidas por *essência*, pela qual estão unidas as individualidades divinas. Diante dos termos técnicos, formula-se a essência como afirmação da objetividade das três Pessoas divinas e a pessoa como afirmação da subjetividade. Diante da admissão da existência das unidas similitudes através da essência única, a interrogação pertinente diz respeito à origem de cada uma das Pessoas divinas. O termo *processão* apareceu na história da teologia para dar à razão humana a capacidade de compreender o mistério dentro de um mínimo de lógica possível. *Processão* indica a ordem de procedência das Pessoas dentro da própria Trindade. A fonte originária é o Pai, princípio sem princípio. O Filho e o Espírito procedem do Pai. A *processão* deve ser entendida a partir da *unidade* e da *distinção*, realidade simultaneamente presente em Deus: o respeito às diferenças individuais de cada uma das Pessoas divinas e a vida comunitária e terna estão sempre presentes em Deus¹¹.

Diante da admissão da existência das unidas similitudes através da essência única, a interrogação pertinente diz respeito à origem de cada uma das Pessoas divinas. O termo *processão* apareceu na história da teologia para dar à razão humana a capacidade de compreender o mistério dentro de um mínimo de lógica possível. *Processão* indica a ordem de procedência das Pessoas dentro da própria Trindade. A fonte originária é o Pai, princípio sem princípio. O Filho e o Espírito procedem do Pai. A *processão* deve ser entendida a partir da *unidade* e da *distinção*, realidade simultaneamente presente em Deus: o respeito às diferenças individuais de cada uma das Pessoas divinas e a vida comunitária e terna estão sempre presentes em Deus.

Para que a *processão* não seja apenas uma questão de lógica formal, a teologia introduziu a categoria *relação* para designar o modo de estabelecer a conexão entre uma Pessoa e outra. A *relação* define uma Pessoa diante da outra, pois nenhuma das Pessoas divinas são auto-subsistentes, independentes e fechadas em si mesmas. Na *relação*, o Pai exerce a sua paternidade diante do Filho, e este por sua vez, exerce a sua condição filial. Juntos espiram efetivamente o Espírito Santo, fruto do amor entre ambos. O Espírito possui a *espiração* passiva. A garantia

⁽¹¹⁾ BOFF, L., *A Trindade e a sociedade*, pp. 88-123; Idem., *Trindade*, 521-522.

deste relacionamento amoroso e comunitário entre as Pessoas divinas e a respectiva realidade *ad extra* é a categoria grega *pericórese* ou os termos latinos *circuminsessio* e *circumincessio*. Todos expressam a coexistência, a coabitação e interpenetração das Pessoas por causa das relações entre elas. Por essas categorias, compreende-se a Trindade como um paradigma social e eclesial que realiza a utopia da igualdade e do respeito às diferenças. A Trindade toda é sujeito da ação, mas cada uma das Pessoas possui sua ação própria: o Pai cria, o Filho revela a Trindade redimindo a humanidade do pecado e o Espírito santifica a criação¹².

Para ajudar na compreensão da ação própria de cada uma das Pessoas divinas, é necessário recorrer ao termo *missão*. Esta designa o modo como Deus se autocomunicou à humanidade, em especial, e ao restante da criação. Pela encarnação do Verbo - Jesus de Nazaré -, a razão humana pode compreender, ainda que de modo limitado, a Santíssima Trindade. Na encarnação está designada a missão do Filho como a de filiar e divinizar todos os seres humanos. Sua história, tornou-se possível pela ação do Espírito em Maria, a mulher pobre de Nazaré. Nessa ação o Espírito pneumatifica e santifica a humanidade e revela o rosto materno de Deus. A encarnação e a pneumatificação denotam a vinda de Deus e de seu Reino à história. São eventos escatológicos que incidem na história, antecipando o destino de toda a criação: viver definitivamente em Deus. Todas essas categorias explicitam a profunda relação entre Trindade econômica e Trindade imanente. A realidade total de Deus é a comunhão e a diversidade de Pessoas. De forma imanente, Deus é Pai, Filho e Espírito. Cada uma das Pessoas distingue-se da outra e possui o seu modo próprio de existir. Ao mesmo tempo, existe a unidade por meio da comunhão, da interpenetração, do face-a-face. Deus se revela na história convocando toda a humanidade a ser solidária e a viver a plenitude da comunhão fraterna¹³.

5. O MISTÉRIO DA SANTÍSSIMA TRINDADE E A HISTÓRIA DE LIBERTAÇÃO

As palavras técnicas de um tratado expressam o conteúdo de uma maneira racional, cujo sentido é adquirido a partir de um conteúdo

⁽¹²⁾ FORTE, B., *A Trindade como história*, pp. 63-86.

⁽¹³⁾ BOFF, L., *A Trindade e a sociedade*, pp. 123-128; Idem, *Trinidad*, pp. 522-523.

energético oriundo da práxis histórica. Afirmar que a Trindade é um mistério de comunhão, de relações ternárias de unidade e diversidade, pressupõe uma experiência humana de comunhão, capaz de sustentar lógica e racionalmente o mistério. A Trindade é um mistério de comunhão entre as distintas Pessoas divinas; é uma comunhão de radical reciprocidade e amor. Tal experiência é percebida nas experiências humanas de amor. A vida em Deus é totalmente pericorética. Na Trindade, cada Pessoa age na direção das outras duas. Cada Pessoa divina vive e mora na outra, o que faz da Trindade um verdadeiro mistério de inclusão e de profundas relações ternárias. Por meio do conceito pericórese se compreende a impossibilidade do subordinacionismo ou do modalismo. Deus é comunhão desde a eternidade. Esse conceito proporciona à teologia da libertação, respaldada nas comunidades eclesiais de base, formular que a "Santíssima Trindade é a melhor comunidade"¹⁴. O mistério trinitário convida a adotar formas sociais nas quais se constroem relacionamentos de igualdade, fraternidade e respeito. O mesmo vale para os sistemas religiosos, inclusive para a Igreja Católica: o conceito pericórese estimula a construção de uma Igreja, cuja organização interna exprima a verdade teológica de Igreja como *communitas fidelium*. Cada pessoa é responsável pela comunidade e se faz irmã dentro da comunidade para prestar serviços de forma plenamente gratuita. A comunhão trinitária não isenta a distinção existente entre as Pessoas divinas. O Pai, o Filho e o Espírito Santo possuem o seu próprio modo de ser. Entretanto, emergem indagações a respeito da ontologia e da identidade das Pessoas divinas: O que vem a ser cada uma das Pessoas divinas? O que as identificam individualmente? Para responder a tais indagações, torna-se necessário refleti-las considerando a especificidade de cada Pessoa, mas sem perder de vista que as Pessoas divinas não agem na solidão. Quando o Pai realiza a criação, Nele já estão presentes o Filho e o Espírito Santo; quando o Filho age na história, em sua ações estão presentes o Pai e o Espírito; quando o Espírito sopra e ilumina a humanidade, com Ele estão o Pai e o Filho¹⁵.

Seguindo essa lógica, o Pai apresenta-se como mistério insondável e abissal. O Pai é Aquele que eternamente é, ainda quando não havia nenhuma criatura. Desde sempre o Pai entra em comunhão com o Filho. Ele é o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo e não é possível

⁽¹⁴⁾ BOFF, L., *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*, Petrópolis, Vozes, 1989.

⁽¹⁵⁾ BOFF, L., *A Trindade e a sociedade*, pp. 156-192; Idem, *Trinidad*, pp. 523-526.

conhecer o Pai senão pelo Filho. O Pai e Jesus estão interpenetrados. Em nome do Pai, o Filho Jesus liberta os oprimidos, pois o Pai é protótipo de misericórdia, de amor aos pequeninos. A prática de Jesus é uma experiência do Pai e de sua causa que é o Reino inaugurado na história. A paternidade do Pai é a base para a fraternidade universal. Ele revela o Filho como irmão de todos os homens e mulheres, tornando a humanidade uma única família para viver o amor. A fraternidade universal é fruto da paternidade à medida que o Pai gera a vida divina nas pessoas e no amor a toda a humanidade, gerando o Filho eterno. O Pai se apresenta também com as características de mãe¹⁶, as quais são manifestadas em forma de misericórdia, quando os filhos e as filhas são

⁽¹⁶⁾ JOHNSON, E. A., *Aquela que É. O mistério de Deus no trabalho teológico feminino*, Petrópolis, Vozes, 1995; BINGEMER, M.C.L., *A Trindade a partir da experiência da mulher (Algumas pistas de reflexão)*, REB 46 (1986), pp. 73-99. A teóloga brasileira elabora a sua teologia trinitária na perspectiva da libertação da mulher, especialmente da mulher pobre. Seu objetivo é professar a fé em Deus a partir do feminino do ser humano, tendo como ponto de partida a mulher. Seu texto possui quatro momentos: o levantamento do problema; a perspectiva antropológica da questão; a presença do feminino nas Pessoas divinas; a possível integração entre masculino e feminino na Trindade. No primeiro momento, a autora critica os dualismos presentes em sexologia teológica na forma corpo-alma, céu-terra, eficácia-gratuidade. Esse dualismo manifesta uma teologia andrógena isenta de feminilidade revelante da alteridade de Deus. No segundo, foi feito um levantamento das possibilidades para a formulação de uma teologia trinitária a partir do feminino, tendo como base a Bíblia e alguns testemunhos da tradição teológica. As categorias misericórdia e bondade coincidem com útero e entranhas divinas, bem como as categorias sabedoria e amor são concebidas no feminino e tidas como constitutivas em Deus. Com essas categorias, enuncia-se um princípio feminino na divindade, o qual denota a presença da maternidade em Deus. No terceiro momento, a autora mostra que o feminino se manifesta em cada umas das Pessoas divinas através de uma antropologia integral presente no Filho, de um amor maternal incriado no Espírito e de uma paternidade maternal e maternidade paternal presente na figura do Pai. Por fim, a possibilidade de uma integração entre masculino e feminino na Trindade denota o teomorfia do ser humano e antropomorfia de Deus. A Trindade é a amor e a humanidade é chamada a viver o amor e a comunhão, criando sociedade simétricas e relações sociais verdadeiramente fraternas. Essa posição encontra fundamento em CONGAR, Y., *Je crois en l'Esprit Saint*, Paris, Du Cerf, 1995, pp. 720-732. O teólogo francês mostra que os temas da ternura e da sabedoria são características femininas de Deus. O Filho está imbuído também do feminino pela força do Espírito. Este é a Pessoa trinitária que possui a característica materna pela qual transmite a profundidade do amor divino aos homens e às mulheres. A maior expressão histórica dessa maternidade do Espírito é a Virgem Maria, verdadeiro templo do Espírito.

socorridos. Assumir a figura de Deus como Pai e como Mãe é expressar a existência de um mistério último, aconchegante, fonte e princípio de tudo, que convida todo ser humano à comunhão plena. Na imanência trinitária, o Pai - sempre misericordioso - é o princípio sem princípio, é o mistério absoluto e insondável que subjaz em toda a realidade divina e criada. O Pai é um mistério que se entrega como inteligibilidade, como luz que ilumina tudo e a tudo torna transparente. Sua vida amorosa com o Filho possibilita a presença do Espírito, formando o círculo trinitário aberto à criação mundana. Embora a criação seja uma obra do Pai por excelência, ela é também uma expressão objetiva e histórica da vida íntima e pericorética da Trindade que se expande criando seres diferentes chamados a fazer comunhão. O Pai é uma realidade mistérica que se apresenta na história, optando pelos oprimidos. Sua presença concreta está em Jesus, a nova criação. Por meio de Jesus, Deus efetiva a sua paternidade, intervindo na história em favor dos oprimidos. Ele é o justiceiro que vem libertar os pobres do cativo. A intervenção do Pai na história faz parte de sua vontade ontológica de exercer a sua liberdade e possibilitar que os seus filhos sejam livres. O Pai coloca o ser humano na origem de seu mistério insondável e abissal de vida plena¹⁷.

O Filho é por excelência o mediador da libertação integral e o mistério de comunicação. O Pai e o Filho são consubstanciais, mas o Filho leva a humanidade a conhecer o Pai, em suas ações, como Jesus de Nazaré. É pelo Filho encarnado que o ser humano tem acesso a Deus. A práxis histórica de Jesus revela o Pai de bondade e de amor. A ação de Jesus no mundo sempre esteve investida de força libertadora, pois Jesus foi livre e aberto ao Pai. O seu comportamento filial é exemplar, pois livremente aceitou a missão dada pelo Pai e entregou esta mesma liberdade aos homens e mulheres. A sua práxis de proximidade aos pobres, de perdão dos pecados, de crítica à injustiça revela a sua atitude de Filho. A força que o Filho adquiriu para ser obediente e fiel ao Pai era o próprio Espírito Santo. Ao agir com a força do Espírito, Jesus revelou a dimensão feminina do Filho. Transmitindo ternura, cuidado, misericórdia aos pobres, Jesus cultivava a interioridade profunda de todo ser humano que alcança o mínimo de maturidade. Suas atitudes de compaixão e proximidade ao sofredor, revela a totalidade da expressão do feminino divino. Ao nível da dinâmica interna da Trindade, o princípio do Filho está

⁽¹⁷⁾ BOFF, L., *Trinidad*, pp. 526; Idem, *A Trindade e a sociedade*, pp. 203-217; FORTE, B., *A Trindade como história*, pp. 92-100; MUÑOZ, R., *Dios de los cristianos*, Madrid, Paulinas, 1986.

no Pai. O Filho é a revelação exaustiva e total do Pai, pois está no Pai desde sempre. O Pai é conhecido pela encarnação do Filho. Ao fazer-se carne, o Filho - Palavra - realiza uma total equivalência entre o falar e o ser. A Palavra é acontecimento histórico e presença visível do invisível. Ao revelar o Pai na história, o Filho faz a história chegar até o Pai. Esta ação verbifica o universo inteiro. O sentido derradeiro da encarnação é a demonstração do desígnio eterno da Trindade de associar à sua comunhão todos os seres pela mediação do Filho na força energética e propulsora do Espírito Santo. O mistério explicita que a estrutura filial, pervadindo desde sempre a criação, convoca-a para a renovação e libertação do pecado. O próprio Deus, em sua profunda solidariedade para com a humanidade, quer livremente libertar a todos do pecado. Este é o Deus do Reino, o Deus verdadeiro, o Deus vivo, que quer instaurar o seu Reino na história e, assim, resgatar a filiação de todos os seres. Esta é a economia do Filho: revelar o Pai de bondade na história e verbificar a história, levando-a a ser nova, plena de vida e liberdade¹⁸.

A força motriz que gera a libertação integral trazida pelo Filho é o Espírito Santo, cuja origem bíblica está nas palavras hebraica *Ruah* e grega *Pneuma*. Elas significam brisa, sopro, vendaval, furacão. A Bíblia é testemunha da presença do Espírito na consciência nacionalista de Israel (Jz 3,10; 6,33), na forma institucional do reinado em Israel (1Sm 16,13), no resgate do direito dos pobres (Is 11,2; 61,1), na pessoa do Messias dos pobres (Lc 4,17-21) e na história da humanidade (Sl 139,7; Is 63, 10-11). O Espírito é a presença do próprio Deus agindo na história. Ele é a força do novo, a renovação concreta e real de todas as coisas, pois Ele faz o ser humano viver o presente olhando e forjando um futuro novo. Para firmar o horizonte utópico do futuro, o Espírito é a memória da prática e da mensagem de Jesus. A encarnação é atualizada pelo Espírito e conduz o ser humano ao seguimento de Jesus para construir uma história cada vez mais santa. O Espírito liberta a humanidade do pecado a partir da libertação histórica dos oprimidos. Ele lhes dá a capacidade de resistência, criatividade e força histórica. O Espírito é,

⁽¹⁸⁾ BOFF, L., *A Trindade e a sociedade*, pp. 218-230; Idem, *Trinidad*, pp. 527; FORTE, B., *A Trindade como história*, pp. 100-112; MOLTMANN, J., *Trinität und Reich Gottes. Zur Gotteslehre*, pp. 77-112; Idem, *Il Dio crocifisso*, Brescia, Queriniana, 1990, pp. 276-291; Idem, *Jesus Christ for Today's World*, London, SCM Press, 1994, pp. 1-49; SOBRINO, J., *Jesus, o Libertador (I). A história de Jesus de Nazaré*, Petrópolis, Vozes, 1994, pp. 202-284; Idem, *La fe en Jesucristo. Ensayo desde las víctimas*, Madrid, Trotta, 1999, pp. 123-146; KASPER, W., *Jesus, El Cristo*, Salamanca, Sígueme, 1992, pp. 197-336.

ainda, a força motriz principiante que cria as diferenças e proporciona a comunhão. Ele não exclui nenhuma pessoa, nenhum grupo de qualquer sistema social que seja de fato justo e fraterno. Assumir a força do Espírito, viver segundo Ele também na Igreja, é saber equilibrar o carisma com a instituição, sempre visando à concretização da perspectiva do bem comum. Em sua essência, o Espírito está eternamente com o Pai e o Filho vivendo a unidade e a diversidade na ternura e no amor. Os textos bíblicos revelam também a dimensão feminina do Espírito Santo. O Espírito consola os homens como Paráclito (Jo 14,26; 16,13; Is 61,13), como Aquele que acolhe os órfãos (Jo 14,18) e que assume a função de mãe (Rm 8,15). Ele é o responsável pela concepção de Jesus na primeira criação (Mt 1,18), ensinando à humanidade o nome secreto de Jesus (1Cor 12,3). Na obra da encarnação, o Espírito agiu em Maria e, por causa de sua ação, o Verbo veio morar na História. Foi pela ação do Espírito que a Igreja adquiriu qualidades maternas, acolhendo novas pessoas em seu seio, colocando-as no serviço e na animação missionária. Reconhecer a dimensão feminina do Espírito é reconhecer que Deus está para além dos sexos, pois não o restringe à identidade masculina. O Espírito - motor de libertação, Deus transexual inserido na história -, sempre esteve com o Pai e o Filho que se amam desde sempre. O Espírito não pode ser considerado como uma Pessoa mais baixa na Trindade, mas Ele é consubstancial ao Pai e ao Filho, possuindo a mesma eternidade, a mesma glória e a mesma onipotência dos outros dois. Entretanto, o Espírito se distingue do Pai e do Filho por sua especificidade, pois é sua propriedade a processão, assim como é próprio do Pai a inascibilidade e do Filho a geração. A Trindade é Una e Santa, co-eterna, é um verdadeiro encontro ecumênico. O Pai é a fonte que gera o Filho com a participação do Espírito e espira o Espírito com a participação do Filho. Em sua inascibilidade, o Pai comporta a presença do Filho e do Espírito como testemunhas da fonte originária da Trindade. O Espírito vive simultaneamente com o Filho e com o Pai. Os três são co-existentes, se revelam e se reconhecem reciprocamente. A inascibilidade, a geração e a espiração constituem um ato tri-único de recíproco reconhecimento e de mútua revelação com a participação simultânea de cada uma das Pessoas. O Espírito Santo é a via de saída e de entrada da vida intratrinitária; com sua ação toda a Trindade é glorificada. Neste processo de entrada e saída, o Espírito realiza a sua obra econômica que transforma a história e realiza a nova criação. Ele ganha rostos humanos transfigurados e humilhados - os rostos dos pobres -, e também suscita à Igreja um novo modo de ser, que respeita a diversidade e cria a

comunhão. O Espírito age nos sacramentos mostrando a presença viva de Cristo, particularmente no batismo, na confirmação e na eucaristia. Ele dirige toda a celebração ao Pai revelando a presença de Cristo sacramental na comunidade. A teologia trinitária libertadora considera o Espírito Santo como enviado juntamente com o Filho pelo Pai, se apresentando de diferentes formas na História. Neste sentido, Maria de Nazaré é o receptor específico do Espírito. Segundo Lc 1,35, o Espírito Santo realizou a sua autocomunicação por meio da Virgem Maria, uma mulher que jamais havia sido mencionada antes na Escritura. Ao ser plasmada pelo Espírito Santo, Maria é formada nova criatura, tornando-se a mãe de Deus e a única capaz de receber o Verbo de Deus. Maria é cheia de graça, o sacrário do Espírito Santo, a filha de Sião, morada de Deus. Deste modo, Maria foi pneumatificada pelo Espírito, pois o Espírito assumiu nela a configuração humana. Através dela, o feminino do humano assumiu lugar em Deus e estará para sempre na comunhão trinitária¹⁹.

6. A PRESENÇA SACRAMENTAL DA TRINDADE NA HISTÓRIA

O mistério da Santíssima Trindade pode ser compreendido pela razão somente através do método analógico. Na hipótese do ser humano entender a totalidade do mistério em si mesmo, a realidade mistérica deixaria de ser inefável. A razão compreende o mistério de modo aproximativo, de acordo com a capacidade de criatividade e de imaginação. O raciocínio humano acerca da Trindade se expressa tanto de maneira sofisticada através dos grandes sistemas teóricos, como através das mais simples experiências humanas do cotidiano vital. Em qualquer tipo de racionalização, o pressuposto a ser considerado é o mesmo: a Trindade Econômica é a Trindade Imanente e vice-versa. A produção de bens simbólicos para compreender a Trindade *ad intra* parte de uma experiência trinitária *ad extra*. Esta mesma produção, utiliza também os sonhos, a utopia, o horizonte miraculoso da possibilidade. A teologia trinitária da libertação enuncia quatro paradigmas simbólicos

⁽¹⁹⁾ BOFF, L., *A Trindade e a sociedade*, pp. 231-258; Idem, *Trinidad*, pp. 527-528; COMBLIN, J., *O Espírito Santo e a libertação*, Petrópolis, Vozes, 1988, pp. 204-220; CONGAR, Y., *Je crois en l'Esprit Saint*, Paris, Du Cerf, pp. 539-794.

para compreender a Trindade e para fazer a experiência de Deus: a pessoa humana, a sociedade, o eclesial e o cosmos²⁰.

A pessoa humana é um mistério profundo que se desenvolve gradual e processualmente. Não se pode mais conceituar o ser humano com exatidão. A pessoa é uma totalidade maior que a história de cada indivíduo. Por ser "Imagem e Semelhança" de Deus, o ser humano é também relação e abertura da totalidade mediante a inclusão do outro. O homem é chamado à comunhão de amor com o outro, construída a partir do espírito de gratuidade, do não interesse, do despojamento de si mesmo para encontrar-se com o outro. Quando o ser humano se fecha em si mesmo, fazendo preponderar em sua vida o interesse próprio, o mistério da possibilidade de cada pessoa tornar-se mais humana se limita e não se realiza como totalidade. Por meio do paradigma da pessoa humana a Trindade é, para o homem, um mistério de abertura ao profundo, à totalidade, um chamado ao amor. Por isso, é possível dizer que Deus é Trindade constituída de comunhão e de amor, de entrega, de proximidade, de interpenetração, de relações pericoréticas²¹.

O paradigma da sociedade é constituído por três instâncias sem as quais a organização social não se consolida. São as instâncias econômica, política e simbólica. A economia garante a produção e a reprodução da vida através de organizações em torno dos diversos tipos de trabalho. A política é a organização das relações sociais, tendo em vista o bem comum das pessoas que vivem em uma cidade, em um Estado, em um país, no planeta Terra. A simbólica é a resposta para as indagações acerca do fato do ser humano estar no mundo, exercer a sua criatividade, mostrar-se como um ser livre que busca a felicidade. A compreensão do paradigma social exige uma postura de reflexão dialética com duas pressuposições: a história construída pela razão humana acerca da Trindade imanente e a consideração da situação de injustiças e de desigualdades na sociedade mundial da atualidade. Diante do paradigma da Trindade, a atual sociedade mundial não reflete a Trindade. Por outro lado, a Trindade estimula um novo *devir*

(20) BOFF, L., *A Trindade e a sociedade*, pp. 129-141; Idem, *Trinidad*, pp. 528-530.

(21) TILLICH, P., *Von der Tiefe*, in KUSCHEL, K.J., *Lust und der Erkenntnis: Die Theologie des 20. Jahrhunderts*, Muechen/Zuerich, Piper, 1993, pp. 29-39; TORRES QUEIRUGA, A., *Recuperar a Criação*, São Paulo, Paulus, 1999, pp. 31-188; LADARIA, L. F., *Antropologia Teologica*, Casale Monferrato, PIEMME, 1995, pp. 63-108.

histórico marcado pela justiça e a solidariedade entre os povos. A utopia histórica da Trindade é a *pericórese* social, na qual os seres humanos se relacionam de forma interpenetrante, expressando a alegria, a solidariedade, construindo a justiça e vivendo no amor²².

A Igreja como paradigma eclesial é considerada como um corpo trinitário, no qual todos os fiéis são chamados a viver em comunhão para a missão de anunciar e testemunhar o amor. A Igreja não pode ser um corpo unicamente burocrático que age como qualquer outra instância social. Ela é graça, sacramento de salvação universal e deve ser, acima de tudo, comunidade de irmãos. A categoria *pericórese* proporciona à razão humana a compreensão da vocação da Igreja: ser imagem do Deus Tri-Uno no seguimento evangélico de Jesus. A Trindade é compreendida também na celebração dos sacramentos, de modo especial na eucaristia e no batismo. Isso significa que a obra salvadora, o Reino não é exclusivamente ou do Pai ou do Filho ou do Espírito Santo, mas da Trindade, de um Deus vivo, Tri-uno, muito próximo à sua criação. É o momento da festa, da remissão dos pecados, das petições, do louvor, da solidificação da esperança de que o *ainda não* do Reino será realizado²³.

O cosmos representa de forma visível aos olhos humanos a amplitude da vida, a dinâmica finito-infinito que demonstra a vitalidade de cada criatura. No cosmos as criaturas são chamadas à vida familiar através de relações pericoréticas, de respeito, de interpenetração e circundante. Desse modo, é demonstrado que o Pai criador exerceu a sua obra criadora em comunhão com o Filho e com o Espírito Santo. Pelo cosmos a Trindade se mostra como uma grande família de comunhão, participação, respeito às diferenças, amor livre e gratuito²⁴.

(22) RICHARD, P., *Nossa luta é contra os ídolos*, em RICHARD, P. et alii, *A luta dos deuses*, São Paulo, Paulinas, 1985, pp. 9-66; ASSMANN, H., *A fé dos pobres na luta contra os ídolos*, em RICHARD, P. et alii, *A luta dos deuses*, São Paulo, Paulinas, 1985, pp. 267-308; MO SUNG, J., *Deus numa economia sem coração. Pobreza e neoliberalismo: um desafio à evangelização*, São Paulo, Paulinas, 1982, pp. 126-141.

(23) GUTIÉRREZ, G., *Teologia da Libertação*, Petrópolis, Vozes, 1986, pp. 209-234; Idem, *O Deus da Vida*, 157-189; Idem, *A força histórica dos pobres*, Petrópolis, Vozes, 1984, pp. 243-313; Idem, *La verdad os hara libres*, Salamanca, Sígueme, 1990, pp. 181-218.

(24) BOFF, L., *Ecologia, Espiritualidade, Mundialização*, São Paulo, Ática, 1993; Idem, *Nova Era. A civilização planetária*, São Paulo, Ática, 1994; SUSIN, L. C. (ed.), *Mysterium Creationis. Um olhar interdisciplinar sobre o universo*, São Paulo, SOTER /Paulinas, 1999.

Por mais que se esforce em sistematizar um discurso sobre a Trindade, jamais se poderá explicitar a totalidade do mistério trinitário. Diante do mistério é necessário refletir, mas é também fundamental venerar, adorar, contemplar e experimentar a presença de Deus Tri-Uno, que se deu a conhecer plenamente à humanidade pela encarnação do Verbo, trazendo a esperança de uma nova história, plena de comunhão e ternura, expressão concreta do desígnio amoroso do Criador²⁵.

O Pe. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves é Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, Professor de Teologia Sistemática e Antropologia Teológica no ITCR da PUC-Campinas, Professor convidado da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, SP e Diretor do ITCR. E-mail: itcr@puc-campinas.br

⁽²⁵⁾ Tornou-se inesquecível para todo estudioso de teologia trinitária a atitude de AGOSTINHO, *La Trinità*, Roma, Città Nuova, 1987, quando elaborou, ao final dessa obra, uma profunda oração dirigida à Trindade para explicitar que além das palavras é extremamente necessária a contemplação e a adoração como maneira de reconhecer a inefabilidade e o mistério grandioso da Trindade.